



Adna dos Santos
Marina de Jesus
Marina Falconeri
Jociane Araujo
Rita Suzana Santos
(Organizadoras)



Adna dos Santos
Marina de Jesus
Marina Falconeri
Jociane Araujo
Rita Suzana Santos
(Organizadoras)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Capa

Marina de Jesus

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlundo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Palavras que voam: uma coletânea de textos e poesias de autores
Pedesserrenses

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Adna dos Santos
Marina de Jesus
Marina Falconeri
Joceane Araujo
Rita Suzana Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P154 Palavras que voam: uma coletânea de textos e poesias de autores Pedesserrenses / Organizadoras Adna dos Santos, Marina de Jesus, Marina Falconeri. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Outras organizadoras
Joceane Araujo
Rita Suzana Santos

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-049-7
DOI 10.22533/at.ed.497211005

1. Coletânea de textos. 2. Poesia. 3. Literatura brasileira. I. Santos, Adna dos (Organizadora). II. Jesus, Marina de (Organizadora). III. Falconeri, Marina (Organizadora). IV. Título.

CDD 869.8

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

EPÍGRAFE

As palavras voam
Livres, voam
E Chegam
Chegam para ficar
Permita que
Elas, as palavras
Entrem em você!

Joceane Araujo

APRESENTAÇÃO

Queria dizer não. Mas, desta vez, elas gritaram implorando para voar. Logo eu, a garota das palavras presas, ser convidada para prefaciar este livro? Foi quase uma semana me esquivando do papel em branco. Ele me causa medo. Relutei o quanto pude; porém, quando comecei a ler o primeiro texto, entendi que não sou dona das palavras. Elas têm asas e insistem em voar. Deixei-as, então, seguirem livremente.

Não sei por quê, naquele dia, estava meio mexida. Na leitura do segundo texto, eu chorei e continuei a chorar com a história de Alice. Como o machismo dói. Ele mata! Por pouco, eu também morri... E comigo foram as palavras, perversas palavras. Elas também têm o poder de matar. Estas, sim, deveriam ser aprisionadas. Ninguém as merece. Ainda chorando, li o texto seguinte e o recado foi para mim: “Pare de se debulhar em lágrimas! Pare de se debulhar em lágrimas!” Parei! E agora começo a escrever...

Falarei, entretanto, somente das palavras livres. Como não as amar? Elas voam bem de leve e pousam dentro da gente, mas escolhem não fazer ninho, porque precisam alçar voos ainda maiores. Então, decidem ser livros. É ali a sua mais linda morada. Nos livros, as palavras viram pássaros, ganham vida e voam em bando, criando resistência para percorrer distâncias longas, a eternidade, eu diria. Cada página é um horizonte que permite, a quem se destina ler, voar junto para além do céu. “Ai, palavras, ai palavras, que estranha potência a vossa!” – Assim diz Cecília Meireles.

Que estranha potência há nas palavras destes escritores pedesserrenses! – Assim digo eu. Elas falam de amor, de lembranças, de sonhos, de encontros, de cura, de esperança. Elas gritam por justiça, por espaço, por respeito, por aceitação. Elas gemem de dor, de saudade, de desejos. Elas silenciam o preconceito, o machismo, a intolerância. Elas dizem de si mesmas e nos mostram o seu poder. Quanto poder! E quão belas são as palavras reunidas neste livro, uma coletânea de textos (em prosa e em versos) que representam as diferentes vozes da nossa gente, que expressam os nossos lamentos, as nossas alegrias e os nossos anseios.

Sim, meus queridos autores, as vossas palavras já iniciaram os seus voos e, por alguns segundos, fizeram em mim abrigo, mas aqui não quiseram permanecer. Partiram... Antes, porém, me convidaram a ser também poesia, a voar fora da asa, como ensina Manoel de Barros. Decidi, então, libertar as palavras que habitam em mim. Prometi não mais ser silêncio quando tenho tanto a dizer. Entendi que devo ocupar o espaço que, por receio, estive sempre a lacunar: o meu lugar de fala. Agora a minha alma poeta já sente o cheiro de liberdade. Sou leitora/escritora das *Palavras que voam*.

Rita Suzana Oliveira

Numa tarde, pandêmica, de 2021

SUMÁRIO

PALAVRAS QUE VOAM LEVE	1
O MACHISMO MATA	2
OLHOS NEGROS COMO A NOITE	4
SIM, EU SEI DE TODOS OS SEUS PENSAMENTOS E DAS VONTADES SUICIDAS QUE SURGIRAM DE REPENTE	7
ACREDITE... QUE TUDO SE TORNA APRENDIZADO.....	8
FALAR DE VOCÊ NOS TRAZ SORRISO NO ROSTO	9
EU SAÍA DE MIM, ERA OUTRO DO OUTRO QUE NÃO ERA.....	10
FIQUEI A PENSAR EM MEU CORPO E NO QUE ESTÁ TATUADO NELE	11
OLHAR O MUNDO E INTERPRETÁ-LO	13
PEQUENOS APENAS SÃO OS QUE CORREM CONTRA O VENTO.....	14
VOE, VOE COMO AS BORBOLETAS VOAM, ILUMINANDO E CLAREANDO.....	15
A VIDA É UM CÍRCULO, GIRAMOS, GIRAMOS E CHEGAMOS NO MESMO LUGAR EM QUE COMEÇAMOS,	16
SAUDADE É QUANDO A GENTE MORA NO OUTRO. SAUDADE É QUANDO O OUTRO VIVE NA GENTE.....	17
SEU SONHO SEMPRE FOI SER UM ESCRITOR, TRANSFORMAR UMA FOLHA EM BRANCO EM UM REGISTRO DE TUDO QUE SUA IMAGINAÇÃO DITAR	18
NU DE COR. NU DE RELIGIÃO. NU DE PRECONCEITO	20
ESSE PÁSSARO SENTE-SE FELIZ, E VOLTA ATÉ A CANTAROLAR, ENQUANTO AGUARDA ANSIOSAMENTE PELO SEU PRÓXIMO VOO	21
OLHEM ALI UM HOMEM NOS OLHANDO	22
QUEM SABE DEGUSTAÇÃO. NUNCA BEBE APENAS UM VINHO . EXPERIMENTA SEGREDOS. E ADOÇA O CAMINHO.....	23
AI COMEÇO A PENSAR. TER QUE DEIXAR MEU SERTÃO. AI, DÓI MEU CORAÇÃO. DÁ VONTADE DE CHORAR	24

NÃO AGUENTAMOS MAIS ANDAR COM MEDO NAS RUAS PELO SIMPLES FATO DE SERMOS MULHERES	27
MEU EU PARECE MAIOR. NEM CABE NO ESPAÇO QUE TEM.....	28
“NENHUMA PALAVRA EXPLICA O QUE NÃO QUER SER ENTENDIDO.”	29
QUEM SABE DE MIM SOU EU. SOU EU QUEM LANÇO EM PRAÇA. A MINHA VIDA PARA OS OUTROS.....	31
EU ME ACALMEI, EU ME REFIZ NO MEU SILÊNCIO. EU ME CUIDEI.....	32
SUAS MÃOS. MEU CORPO A TOCAR. FAZENDO-ME DELIRAR.....	33
ATRAVÉS DA POESIA ENCONTREI A FELICIDADE EM MEUS DIAS	34
A VIDA ERA UMA CIRANDA. QUE COM O MUNDO GIRAVA.....	35
QUERIDA MENINA, QUERIDA MULHER, AME-SE! PARECE TÃO BOBO, MAS É DE SUMA IMPORTÂNCIA ESSE AMOR PRÓPRIO, VOCÊ PRECISARÁ DELE POR MUITO TEMPO OU POR UMA VIDA INTEIRA.....	36
– QUER QUE EU CANTE QUE MÚSICA? – PERGUNTOU DOCEMENTE ACARICIANDO MEU CABELO.....	37
QUERO MEU MUNDO DE VOLTA, SEM MÁSCARA	39
E AGORA SUAVE. ME SINTO. TÃO LIMPO. QUI DENTRO	40
ALGUMAS PESSOAS MORAM EM NÓS. REVERBERANDO EM ÁTOMO, VIBRAÇÃO E SOM.....	42
ESCREVERAM ATÉ DECLARAÇÕES DE AMOR E TELEFONES NO MEU CORPO	43
A LEVEZA DE CAMINHAR SABENDO QUE NÃO ESTÁ SOZINHO... ..	44
TUDO EM NOME DA APARÊNCIA.....	45
HISTÓRIAS DE UM RIO... ..	46
E ASSIM COMO AS ESTAÇÕES NOS TORNAMOS O TEMPO TODO VOLÚVEIS.....	49
USE AS PALAVRAS PARA VOAR.....	50
OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	51

PALAVRAS QUE VOAM LEVE

As mais belas e livres
Puras e sinceras palavras
Que voam leve
Levadas pelo vento
Me encontram ao relento
Me trazem leveza
Me vestem de pureza
Permanecem comigo
Se fazem meu abrigo
Encantam todo o meu dia
Me fazem feliz
Me trazem alegria
Me transformam
Fazem em mim moradia
Me tornam um ser mais belo
Livre, puro e sincero
As mais belas e livres
Puras e sinceras palavras
Que me vestem no dia a dia
Me fazem ser um novo ser
Me fazem ser um ser poesia

Adna Dos Santos Silva

O MACHISMO MATA

A Elitânia de Souza, mulher negra, líder quilombola
e estudante de Serviço Social da UFRB,
vítima de feminicídio no dia 27/11/2019, em Cachoeira - Ba.

O MACHISMO MATA! – disseram
e, homem, você ignorou,
não se mexeu, preferiu ficar quieto
mas você já viu as lágrimas do feminicídio
assim, de perto?
reais, cruéis, invadem, alagam, inundam
são pedaços de alma destroçada
por tsunamis de indignação
como pode
uma mulher assassinada
por se fazer dona de si,
por dizer ao homem um simples “não”?
meter a colher pra quê, seu sem-noção?
normal, é só uma discussão!
e o macho destruiu-lhe o celular,
porque ela não atendera a ligação.
a violência que parte do macho,
sempre tão naturalizada,
não é só à mão armada,
começa no dizer, no dia a dia, na palavra!
mas quem tá dando a mínima?
“ela que tava atrás dele”,
ainda se ouviu de gente da família...
a advogada correu atrás da justiça,
lutou por celeridade
mas o que conseguiram?
a tal medida protetiva.
protetiva pra quem?
uma, duas medidas.
um, dois, três tiros.
em frente à faculdade,
o corpo da mulher, ferido, violentado, caído
e agora, como terminar o tcc?
tanta luta, pra ser universitária,
pra chegar ao momento de escrever...
o sonho foi interrompido,
teria ela que trancar o curso, abrir mão, haver saído

enquanto seguia tranquilo, despreocupado, o macho assassino?
uma mulher a menos,
morta porque disse “não”.
teria ela que dizer “sim” pra continuar viva?
terei eu também que dizer “sim” ao macho,
mesmo tendo minha vida ameaçada, meu corpo por ele abusado?
alerta: afeto é uma coisa, assédio é outra.
não é não! – pra que essa frase seja ouvida quantas que morrer terão?
quantas terão que ser mortas???
aprende e educa teu filho, pai:
“a amiguinha também pode, filho.”
tantas vezes me chamaram de louca
por brigar dentro de casa porque macho não lavava louça...
por repetir a frase e ser ignorada, banalizada, motivo de risada...
(será que pra entenderem é preciso ver de perto mais um corpo estirado,
mais uma vida feminina brutalmente ceifada?)
repito, de novo – e que se entenda de uma vez:
O MACHISMO MATA!

Marina Falconeri

OLHOS NEGROS COMO A NOITE

História e lágrimas de dona Alice

Aquela era a véspera da formatura da turma de Direito. Aquela era a véspera da formatura de Melissa, uma jovem mulher de vinte e poucos anos, cabelos longos, crespos e volumosos, olhos negros como a noite, pele cor de chocolate meio amargo que herdara de sua mãe, Alice, a mãe que tanto amava, a mãe que lhe fora pai também. Mulher e negra, para Melissa a vida tinha sido mais fácil do que para sua mãe, ela carregou o fardo para que a filha estivesse ali. Graças aos sacrifícios de dona Alice, Melissa teve o privilégio de poder estudar sem precisar ajudar com as contas da casa, sua mãe já tinha feito tudo e continuava fazendo tudo para que ela não precisasse focar em nada além de em si mesma. Dona Alice exigia que assim fosse, mesmo quando ela protestava e chorava e se sentia culpada pela dor nas pernas que a mãe sentia, pelo semblante de cansaço sempre presente em sua face.

Melissa, Melissa, Melissa, sua mãe lhe dera esse nome porque lá na década de 90, quando ela veio ao mundo, tudo que sua mãe queria ter era uma Melissa, sim, a sandália, isso mesmo. Ter uma Melissa era o sonho de uma jovem Alice, então com 17 anos, grávida de um cara de 35. A história da mãe que lhe dera esse nome era a seguinte:

Alice tinha acabado de fazer 17 anos e estudava pela manhã em um colégio próximo a sua casa, durante a tarde trabalhava na padaria do pai, conhecido como “Seu José”. Ele era um homem ríspido, trabalhou muitos anos na padaria de outros até montar a sua e por muitos anos havia sido só ele e dona Ana – a mulher não engravidava e a idade ia chegando. Então, veio Alice, que deveria ter sido Antônio, um menino, como ele queria, mas não foi. A mãe de Melissa não era um menino e Seu José fazia questão de lembrá-la disso, o que permitia com que Alice tentasse sempre ser a melhor em tudo, inclusive no trabalho na padaria.

E foi na padaria que João, o pai que Melissa nunca conheceu, viu e se interessou pela mãe dela. A idade, a timidez e as roupas largas não foram empecilhos para que ele visse a adolescente com olhos-desejo.

Alice gostava de Gabriel, um rapaz de sua idade, Gabriel gostava de Alice, eles sempre vinham juntos da escola, conversavam sobre o futuro, faziam planos, desde o dia em que ele a pedira em namoro e trocaram um beijo tímido, o primeiro de ambos.

Alice queria ser enfermeira, fazer faculdade, queria namorar Gabriel, noivar e casar logo após a formatura no ensino superior, mas João quis Alice e a pediu para seu pai. João era viúvo, a esposa morreria depois de cair da escada misteriosamente. João tinha cara fechada, andava armado, mas tinha condições. Dona Ana não queria que a filha fosse morar com João, Alice não queria ir, Seu José quis que ela fosse. “Já tá moça, pode casar. Minhas irmãs casaram com 14 e hoje são mães de família respeitáveis”, ele disse.

E lá se foi Alice. Chorou durante todo o caminho até a casa de João, chorou porque não podia mais estudar, “Mulher minha não estuda para não querer bancar a sabichona”, deixou claro logo no início, chorou porque não pôde dizer adeus a Gabriel. Ela não queria dizer adeus, queria poder ir para a escola, encontrá-lo no intervalo, dividir o lanche, trocar um selinho rápido. E Alice chorou mais uma vez de noite, quando João rasgou suas roupas

e ficou em cima dela, chorou de confusão, chorou de dor, chorou porque chorar era a única coisa que podia fazer, chorou porque, ao escutar conversas das moças mais velhas no colégio, não era assim que tinha imaginado que seria sua primeira vez.

Lágrimas e lágrimas molharam o seu rosto, encharcaram o travesseiro, lágrimas e lágrimas desciam pelo ralo junto com a água do chuveiro, enquanto Alice esfregava a bucha em seu corpo com toda sua força, tentando em vão se limpar da sujeira causada por João, impregnada em seu corpo, em seu coração, em sua alma.

A mãe de Melissa continuou a chorar nos meses que se passaram. Chorou porque passou a viver trancada em casa, sem poder falar com ninguém, porque passou a ser agredida até se errasse o ponto do arroz, chorou porque não podia ter nada além das roupas que havia levado de casa, porque só podia ver uma Melissa na televisão... E Alice chorou quando Melissa nasceu, mas foi choro de alegria, choro que selava uma promessa feita a si mesma: a pequena Melissa, que chorava ao vir ao mundo, estranhando o ar que estava em seus pulmões, não seria Alice.

E os choros de Alice pararam por um tempo, viraram canções de ninar cheias de amor e de espera. Espera pelo próximo choro, que não tardou a chegar, um choro de alívio, de quando pegou todas as economias, merrecas tiradas dos bolsos do marido (João nunca olhava os bolsos antes de jogar a roupa suja no cesto e sempre achava que perdia os troços ou não se importava com eles) e fugiu de casa com a filha nos braços... E se chorou de alívio nesse momento, chorou de raiva e desesperança pouco depois, quando seu pai não quis que ela voltasse para casa, quando a chamou de todos os xingamentos possíveis. E chorou de emoção quando uma amiga dos tempos de escola a acolheu, e quando conseguiu emprego de faxineira num colégio e uma vaga na creche, quando voltou a estudar, concluiu o curso de licenciatura, passou num concurso e virou professora da escola onde antes tinha sido faxineira, sempre se desdobrando em mil para nunca deixar de dar atenção e amor para a pequena Melissa.

Alice parou de chorar de vez, progrediu, virou doutora, professora universitária, e, quis o destino que ela reencontrasse Gabriel, e ele, divorciado e com um filho, sentisse seu coração bater tão forte quanto da primeira vez em que vira Alice. Os dois começaram a namorar novamente e já estavam juntos há alguns anos, morando em casas separadas, um relacionamento moderno.

Alice tomou as rédeas da própria história, conseguiu fugir antes que fosse tarde demais, antes de entrar para as estatísticas de feminicídio. Não denunciara João, não sabia o paradeiro dele, agradecia todos os dias pela graça de ele não ter lhe procurado e a levado de volta à força para casa... E na véspera da formatura de Melissa, Alice era uma na estatística de mães que presenciariam a colação de grau de uma filha.

“Melissa” até podia ser nome de marca de sapato, mas a filha tinha orgulho desse nome, da sua mãe. Era graças a ela que, em menos de 24 horas, teria o seu diploma em mãos, questão de tempo para passar na OAB e se tornar uma advogada registrada... Só que uma coisa não saía da sua cabeça nos últimos dias: Melissa não se lembrava da última vez em que vira sua mãe chorar, na verdade nunca vira sua mãe derramar uma lágrima sequer (ela não fazia ideia de como dona Alice havia chorado ao longo da vida, de como chorava de emoção pelas conquistas da filha, chorava em segredo, para que ninguém a

visse em prantos, já fizera tanto aquilo antes, que hoje era melhor tentar esconder).

A jovem sabia que a mãe a amava, que era a mãe mais carinhosa do mundo, sabia de toda a sua história de sofrimento e de luta, mas não sabia porque nunca tinha visto nada além de um brilho emocionado no olhar mãe. Todas as noites, quando tinha insônia, Melissa refletia sobre tão intrigante questão. Será que nunca veria a sua mãe chorar? Será que choraria quando soubesse que ela seria a mãe homenageada? Que a sua filha seria a oradora da turma? Será? Será? Será?

Melissa logo descobriu a resposta. No dia seguinte, lá estava dona Alice, chorando rios de lágrimas de emoção e orgulho, fazendo até mesmo os colegas brancos de Alice chorarem e fazendo a sua filha esquecer completamente que a maquiagem estava ficando inteiramente borrada.

Marina de Jesus

SIM, EU SEI DE TODOS OS SEUS PENSAMENTOS E DAS VONTADES SUICIDAS QUE SURGIRAM DE REPENTE

PARE DE SE DEBULHAR EM LÁGRIMAS

Pela milésima vez, pare de se debulhar em lágrimas, garota! Sim, eu sei de todos os teus pensamentos e das vontades suicidas que surgiram de repente. Eu sei o quanto você já sofreu por situações que não pôde mudar e o quanto foi magoada por esperar muito daquilo que não dependia somente de você. Sei que nunca foi apenas um cisco que caiu sobre os teus olhos e também sei que essa é só mais uma das inúmeras mentiras que você conta quando perguntam se está tudo bem. Eu sei que você se machucou muito nos últimos meses para não ter que machucar os outros. Sei que você não enxerga uma saída, que não se sente suficiente, que está cansada de tentar e falhar. Sei que a tua infelicidade é reflexo das frustrações, por não conseguir se sentir verdadeiramente feliz, por não se sentir absolutamente completa. Eu sei o que é esse vazio que parece não ter fim e que faz com que nada tenha importância, mesmo que importe muito. A única coisa que não sei é o motivo pelo qual você continua a se debulhar em lágrimas, sabendo que a culpa não é sua e que, infelizmente, as coisas não estão sob o seu controle. Você quis seguir em frente, eu sei. Sei que não é simplesmente deixar tudo para trás. Sei que é árduo, pesado e doloroso. Mas o que adianta ficar se deprimindo no chão do teu quarto, dia após dia, se, conscientemente, você sabe que não merece isso?! (PARE DE SE DEBULHAR EM LÁGRIMAS). Sei que você se sente estúpida, insuficiente, incapaz. Sei que as suas forças se esgotaram. Sei que não aguenta mais toda essa pressão. E sei também que você está enlouquecendo com a autotortura, por não saber quando que esse vazio irá ser preenchido. Afinal, o “logo passa” nunca chega. Sei que sente cansaço de tudo isso, que não quer mais ser formada por cacos colados das incontáveis vezes em que você foi quebrada. Então, pare de se debulhar em lágrimas! Você já lavou tudo o que tinha para lavar. É a hora de levantar, se reerguer e deixar de tanto pensar. Eu sei que você só precisa de si mesma para sair daqui. Eu sei que você vai conseguir. Sei que dessa vez você não vai falhar. Sei que essa é a última vez que irei ficar diante deste espelho para lhe dizer “Pare de se debulhar em lágrimas, garota”. Eu acredito em você. Eu acredito em nós.

Nicolly Lima

ACREDITE... QUE TUDO SE TORNA APRENDIZADO

SORRIR

O que é que acontece com o mundo?
De uma hora para outra, estamos sem rumo...
A alegria parece acabar e as pessoas estão a chorar...
A gente cai e pode até cair
Mas aprende e reaprende a levantar
E isso é bonito, a gente até que rir
Só não pode e não deve deixar de sorrir
Sim, tudo isso vai passar
Sim, este medo vai acabar
Acredite... que tudo se torna aprendido
Que o tempo se encarrega do passado
E ajuda a melhorar
E ajuda a transformar
Viver o agora é valorizar.
A gente cai e pode até cair
Mas aprende e reaprende a levantar
E isso é bonito, a gente até que rir
Só não pode e não deve deixar de sorrir.

Iva Benjamim

FALAR DE VOCÊ NOS TRAZ SORRISO NO ROSTO

Falar de você!!!!

Falar de você nos traz sorriso no rosto!

Um gesto, uma fala, uma comida gostosa, que só você sabia fazer, aquele perfume maravilhoso, que só tinha em seu travesseiro.

Você era organização em forma de gente.

Tanta questão você fazia daquela limpeza, que muitas vezes eu achava exagerada, só para proporcionar, aos seus, conforto e paz, mesmo na simplicidade e humildade do seu lar.

Ah! Falar de você nos traz sorriso no rosto.

Suas lembranças insistem em aparecer sempre que nos reunimos em família.

O café, sempre quentinho, não podia faltar, tampouco o maravilhoso bolinho de fubá.

Torcedora do Flamengo e da Seleção Brasileira também. Vibrar igual a você com cada acerto e gol do seu time, eu nunca vi ninguém.

Hum! Como é bom falar de você, nos traz sorriso no rosto!

Amiga, companheira, amorosa, guerreira, sofredora, vozona, briguenta também. Adjetivos não lhe faltam.

Mas melhor parar por aqui, pois tenho medo do sorriso no rosto trazer lágrimas também!

Simone Mary

EU SAÍA DE MIM, ERA OUTRO DO OUTRO QUE NÃO ERA

Nós pensamos, logo sentimos!

Passeavam pelo calçadão naquele fim de tarde, à beira mar – um senhor de meia idade e seu Husky Siberiano. O cão precisava espaiar, exercitar os músculos, evacuar ao ar livre, no poste central, daquela via pública de ida e vinda.

O animal de estimação é um quase humano, tratado por alguns com iguarias que muitos homens, mulheres e crianças nem sonham: comida da melhor qualidade, roupas e camas especiais, personalizados, às vezes, ou quase sempre, dorme com os donos em colchões e lençóis importados.

– Eu tinha casa, comida, amigos, e amores, até ser fígado pela corrosiva ação do álcool em minha vida. Não entendo como ou por que não tive forças suficientes para resistir. Amava minha vida, mas meu organismo suspirava por aquela reação momentânea – eu saía de mim, era outro do outro que não era – esta vaidade orgânica me consumia. Comecei com um copo, uma garrafa, um dia, uma semana. Depois, todos os dias, todas as horas; perdi a razão para trabalhar ou até mesmo para limpar as unhas, pentear os cabelos, fui morrendo e vi surgir outro.

O Husky Siberiano só queria o seu espaço, o seu direito garantido naquela calçada íngreme, fria, suja – encostou no poste central e fez xixi. É normal os donos de cães levarem seus animaizinhos para fazerem suas necessidades nas ruas. Alguns até recolhem o cocô, porém o xixi não tem como ser recolhido.

– Eu mereço fazer xixi na calçada, afinal, sou quase humano, quase humano.

– Eu sei que para muitos já não sou digno de respeito, muitos acham que eu sujo a cidade, o dia, o vai e vem deles; contudo, eu sou humano, moro nesta calçada, sob aquele poste central. – você poderia ao menos evitar que o seu cão, quase humano, fizesse xixi em mim.

Para Aristóteles, a principal característica da vida humana é o princípio do pensamento. O homem pensa!

Joceane Araujo

FIQUEI A PENSAR EM MEU CORPO E NO QUE ESTÁ TATUADO NELE...

Julgamentos?

Um querido amigo tatuou em seu corpo um mapa-múndi, que vai preenchendo, de acordo com os lugares do mundo por onde passa. Fico muito feliz com cada conquista dele e torço muito para que, um dia, esteja o mapa inteirinho preenchido.

Dia desses, tive a oportunidade de ouvi-lo partilhar, de um jeito simples e muito natural, suas memórias de viagem. Ali entendi o quanto viajar é, para ele, uma parte óbvia de si. Por isso, o mapa tatuado em sua pele é a mais perfeita representação das suas andanças...

Fiquei a pensar em meu corpo e no que está tatuado nele... fiquei pensando que, na verdade, todo corpo é mapa preenchido e a preencher pelas andanças, mudanças e lembranças de cada lugar ou pessoa que a gente visitou ou que visitou a gente.

Meu amigo me contou que há lugares visitados que nem sempre dá vontade de tatuar. Foram experiências que não lhe trouxeram o prazer de sempre. Também vejo isso em mim. Nem todas as marcas, curvas, cicatrizes, foram resultado das melhores experiências. Se eu pudesse, também não estariam estas tatuadas ali. Mas, como em meu amigo, cada viagem encontra uma maneira de nos marcar, de um jeito ou de outro. Talvez caiba a nós decidir o destino, mas não somos responsáveis por muito do que acontece durante a viagem.

Por outro lado, meu amigo comentou dos lugares que, se pudesse, tatuaria várias vezes, pela felicidade que foi visitar ali. Pensei nas mães e nas marcas que a gravidez e/ou o parto trazem... nem sempre são belas, mas poucas são as mulheres que, tendo a oportunidade, prefeririam perder a marca se isso lhes custasse perder a oportunidade de ser mãe. Pensei em mim e nas marcas deixadas pelas escolhas que resultaram em felicidade. Eu não as trocaria por nada neste mundo!

Em uma parte da conversa, meu amigo brincou que, quando pedia para alguém coçar as suas costas, bastava dizer: “coça na Europa, agora na Ásia...”, e assim conduzia a gentil alma pelos continentes, para que completasse a difícil tarefa de acertar o lugar da coceira. Me contou, entretanto, que de nada adiantaria essa orientação se a pessoa desconhecesse o mapa-múndi...

Fiquei a pensar em quantos julgamentos recebi pelo corpo que tenho, pelo mapa que ele representa... Durante os últimos anos, nem todos compreenderam o mapa que me tornei e, em vários momentos, deixei de ser professora, amiga, pessoa de caráter e respeito, para ser gorda. E só. Mas, assim como o mapa-múndi não tem culpa de não saberem o que ele representa, o valor que ele tem, compreendi que o grande problema não é do mapa que me tornei... mas de quem julga suas linhas sem conhecer e respeitar o significado delas. Deve ser assim com quem carrega rugas da idade, cicatrizes de acidente, ou qualquer outra marca que modifique o mapa dito como o ideal.

Viajei na reflexão e imaginei que, para estas pessoas, o mapa-múndi perfeito seria

formado por um monte de quadrados, todos iguais, como a mente de quem assim pensa. Tudo seria idêntico e o mundo seria perfeito...

Ainda bem que Deus pensa diferente e nos dá, a cada um, a liberdade e a honra de ser o que somos. Diferentes e únicos. Completamente particulares e especiais!

Acabamos a conversa e meu amigo foi para o mar. Enquanto ele andava na areia, eu o observava e pensava na escolha do local da tatuagem... realmente... o mundo é tão grande, que só em lugar espaçoso caberiam todos os países do mundo. A tatuagem é nas costas.

Olhei pra mim também e pensei: deve ser por isso que Deus me fez assim... exagerada, sou um mundo grande demais para caber em qualquer espaço... meus sonhos, minhas andanças, minhas histórias, só caberiam em alguém assim, deste tamanho. Deu um orgulho, sabe?

Levantei, tirei a saída de praia que eu ainda usava por vergonha de ficar somente com os trajes de banho e fui também para o mar.

Levantei, tirei as camadas que eu ainda usava por vergonha de ficar somente com o corpo que tenho e fui para a vida...

E cá estou Eu!

Sandra Maria

OLHAR O MUNDO E INTERPRETÁ-LO

POR QUE ESTUDAR GEOGRAFIA?

Um dos principais desafios do professor de Geografia na atualidade é conquistar o interesse do estudante frente aos diversos temas que envolvem tal ciência. Estudar Geografia ajuda a compreender de fato as transformações que a humanidade produz no planeta Terra. Estudar Geografia nos faz compreender melhor a nossa localidade, a organização espacial do nosso país e do mundo.

Como desenvolver nos educandos uma consciência e um entendimento da construção e reconstrução do espaço produzido pela humanidade? Como compreender a espacialidade dos elementos naturais e sociais que fazem parte de forma direta ou indireta da nossa vida?

O desafio é desenvolver uma habilidade tão somente própria da Geografia, o entendimento geográfico que é olhar o mundo e interpretá-lo, fazendo relações em diferentes escalas espaciais, possibilitando desenvolver um cidadão que apreenda o mundo a partir do seu lugar. Olhar pela janela de casa e perceber a realidade complexa sobre a qual estamos mergulhados, mas olhar também acima para compreender as relações que se dão entre os lugares e a forte influência do processo de globalização que vivenciamos.

Estudar Geografia é uma tarefa docente e discente. Mas ninguém está sozinho. O professor está no centro do processo ensino-aprendizagem e deve pesquisar e buscar novos conhecimentos para ter consciência do que favorece a aprendizagem, como o estudante aprende, para proporcionar-lhe maior eficácia no ato de pensar e conseqüentemente de aprender. O estudante está no centro do nosso objetivo de trabalho. É para a formação de cidadãos envolvidos na vida social, participantes da construção e transformação do espaço geográfico que o conhecimento geográfico se torna indispensável.

Ana Paula Rios de Carvalho

PEQUENOS APENAS SÃO OS QUE CORREM CONTRA O VENTO

PEQUENOS APENAS

Pequenos apenas são os que vivem
sentados na estrada da vida,
vendo a vida passar.
Pequenos apenas são os que choram,
por ter perdido a felicidade
e não vão buscá-la sem cessar.
Pequenos apenas são os que não acham graça,
mas remoem a desgraça incessante
que atormenta os dias.
Pequenos apenas são os que correm contra o vento
e reclamam que está ruim para correr nessas horas frias.
Pequenos apenas são aqueles que não conversam com amigos
e que resmungam só e consigo
a falta de um bom papo.
Pequenos apenas são os que falam muito e não escutam,
excluem suas palavras de forma vã
como se elas fossem trapo.
Trapo do não aprender!
Pequenos apenas são os que fazem da escola um campo minado,
cercado de ódio e falta de querer.
Pequenos apenas são os que passam mais tempo brigando
do que fazendo amizades.
Cercados de dor, na dor da saudade
sem saber que, na frente, a briga é autodestruir-se.
Não sejamos apenas pequenos...
Não sejamos o eco da escuridão,
não sejamos o vácuo da amplidão,
nem a dor da perda constante.
Sejamos apenas pequenos para saber servir.
Pequenos apenas para não mentir
e omitir.
Sejamos apenas pequenos refletindo uma vida nossa...

Raphael Rios.

VOE, VOE COMO AS BORBOLETAS VOAM, ILUMINANDO E CLAREANDO

Borboletas calmas e incompreensivas. Eu as amo, elas me dão uma certeza de que dias melhores virão. Sim, são esperançosas, mas carregam consigo um enigma que, sem dúvidas, eu gostaria de desfrutar e me aprofundar, até conhecê-las perfeitamente bem. Já pensou, ter um céu azul e coberto de borboletas? É um verdadeiro sonho de fadas! E deixa eu lhe contar um segredo: ele pode se realizar. Borboletas gostam de pessoas harmoniosas como tais, passivas, compreensivas, indescritíveis e com um toque final que as tornam diferentes de todos os outros seres, a luz que elas transmitem. Voe, voe como as borboletas voam, iluminando e clareando. A cada toque, uma expressão; a cada parada, uma iluminação; a cada passo, uma luz; a cada voo, uma curiosidade marcada e deixada. Borboletas transmitem paz, nos fazem querer saborear da vida sempre mais, nos fazem acreditar que temos, sim, uma luz incapaz de ser mostrada e enxergada por aqueles que não sabem ler o interior. E assim são as borboletas...Você nunca saberá como elas são, se não tirar as vendas dos olhos e se permitir enxergar o mundo mágico que elas podem lhe proporcionar.

Lorenna Gomez

A VIDA É UM CÍRCULO, GIRAMOS, GIRAMOS E CHEGAMOS NO MESMO LUGAR EM QUE COMEÇAMOS,

Infância eternizada

Um tempo de felicidade apressado por todos nós, pequenos/grandes inocentes que sonhavam crescer o mais rápido possível para tornarem-se adultos e cada um ser o dono de seu próprio nariz. Inspirados por pais, mães, avós, famosos... seguiam esses sonhadores, contando a cada amanhecer quanto tempo faltava para chegarem a essa nova fase, aquela que, na sua visão, era uma maravilha.

O tempo passa e a idade aumenta. São pequenos números que trazem enormes lembranças daquela simplicidade que vivemos na infância. Hoje, temos a maturidade de saber que a infância não era tão ruim, ao contrário, era a melhor época de nossas vidas. Muitos, mesmo com dificuldades, conseguiram superar e hoje estão aí sendo empresários da sua própria vida. Suas decisões próprias os fizeram crescer e tornaram-se seres humildes, exemplos para aqueles pequeninos que estão chegando.

A vida é um círculo, giramos, giramos e chegamos no mesmo lugar em que começamos, isso nos mostra o quanto ela é perfeita. As crianças veem os adultos e imaginam o seu futuro, já os adultos veem as crianças e relembram sua infância. É, não tem jeito não, estamos em sintonia a todo momento, nem só entre as gerações, mas também entre nós e a natureza, nós e os animais. Em tudo, vemos semelhanças que nos fazem recordar de momentos mágicos em nossas vidas os quais, talvez, não serão vividos mais.

Com a idade avançada, esquecemos de muitas coisas da vida, menos da infância. Isso nos faz imaginar o quanto essa fase é importante para todos nós, já que passamos todas as outras em sintonia com ela. Portanto, sempre que puder, incentive o sonho de uma criança, deixe-a explorar a sua imaginação, já que isto será eterno para ela.

João Vítor Lima Carneiro.

SAUDADE É QUANDO A GENTE MORA NO OUTRO SAUDADE É QUANDO O OUTRO VIVE NA GENTE

Saudade é quando o outro vive na gente

Saudade é quando a gente mora no outro

Saudade é quando o outro vive na gente

É feito semente que brota na plantação

E cresce, cresce, cresce

E queima, queima, queima

Como um vulcão

Saudade quando aperta dói no peito

E é como se não tivesse jeito

E é como se não tivesse conserto

É dor que dói de bom

É dor que dói de bom

Porque o outro mora na gente

E como é que se faz pra matar a saudade?

Te apressa

E faz uma prece, uma oração

E pede que ela não se demore.

Dadai Oliveira

SEU SONHO SEMPRE FOI SER UM ESCRITOR, TRANSFORMAR UMA FOLHA EM BRANCO EM UM REGISTRO DE TUDO QUE SUA IMAGINAÇÃO DITAR

A história de Arie Baruch

Arie Baruch estava em seu quarto, os únicos indícios de que ainda não havia dormido, mesmo passando das altas horas da madrugada, eram a vela quase apagando e os papéis espalhados pela cama. Desde muito jovem, Arie via as outras crianças desejarem se tornar grandes guerreiros ou soldados, mas seu sonho sempre foi ser um escritor, transformar uma folha em branco em um registro de tudo que sua imaginação ditar.

A segunda diferença entre Arie e a maioria das pessoas é a sua religião. Nascido na Breslávia, Polônia, pouco tempo após o Machtergreifung, quando os nazistas tomaram o poder. Às vezes, ele pensava que simplesmente nasceu numa má época para ser judeu. O que lhe motiva são as palavras que seu pai Joshua repete sempre: “Nós somos a família Nowak, somos judeus e não importa o que fizerem, nos orgulhamos de quem somos”, então Arie respondia: “Quem sabe algum dia não exista um lugar em que todos poderão viver em paz sendo quem são?” E sua mãe dizia: “Se tem alguém que pode encontrar esse lugar, é você, meu filho, pois, como seu nome já diz, você é nossa força abençoada”.

A senhora Nowak era uma mulher que dava muita importância ao significado das coisas, para ela, todos os seres nascem para deixar uma marca, algumas pequenas, quase insignificantes, outras grandes, sendo lembradas por gerações, mas todas elas fazem alguma diferença no mundo.

A primeira vez em que Arie não encontrou forças nas palavras de seu pai, foi em uma noite tão fria que seus ossos doíam. Arie havia retornado para casa, esperando encontrar sua família reunida na pequena mesa de jantar, se preparando para fazerem as orações, mas tudo o que encontrou foi um silêncio agonizante, do tipo que sussurra que algo ruim aconteceu. Bem ali, esparramados pelo chão, havia três corpos imóveis, de um homem, uma mulher e uma menina: seu pai, sua mãe e sua irmã.

O rapaz correu o mais rápido que pôde na noite congelante, o mais rápido que suas pernas conseguiram e olhou para o céu, para as estrelas que também lhe olharam de volta, e com a face úmida pelas lágrimas, falou tão baixinho que se houvesse alguém do seu lado não ouviria: “por quê? ”

Arie Baruch decidiu que não poderia continuar em Breslávia sem as três pessoas que mais amava. Por essa razão, vendeu tudo o que possuía, juntou todo o seu dinheiro e partiu para Londres, para uma nova vida em que poderia ser o escritor que sonhou. Sentado ao lado da janela do trem, Baruch observava o horizonte, quando uma moça se sentou próxima ao seu banco. Após algumas horas, percebendo que ele nunca parava de olhar para a janela, a moça percebeu que ela quem deveria tentar iniciar uma conversa com aquele rapaz solitário:

- Parece que, mesmo parado ao meu lado, o senhor está a quilômetros de distância.
- Perdão? – Disse Arie, percebendo que havia alguém perto dele.

– É que o senhor não para de olhar para a janela com uma expressão de quem está distante.

– Me desculpe, eu estava pensando em minha família.

– Eu poderia perguntar como eles são?

Arie ficou um pouco desconfiado de falar sobre seus familiares com uma desconhecida, mas aquela moça parecia ser inofensiva.

– Minha mãe se chamava Aviva, ela gostava de saber o significado de tudo, seu nome quer dizer “primavera após um longo inverno”, e era isso mesmo que ela era para nós. Meu pai, Joshua, era sempre a minha salvação e minha irmãzinha, Haya, era a alegria da casa. – Arie solta um suspiro triste – Não sei o que fazer sem eles.

– Uma vez alguém me disse: “Seja corajoso e forças poderosas virão em seu auxílio”. É esse o conselho que acho que pode lhe ajudar, senhor. Bom, eu tenho que ir agora, sinto muito pela sua família – disse a moça se levantando.

– Obrigada pelo conselho e pela conversa. Adeus, senhorita.

Anos depois, foi publicado o primeiro de muitos livros escritos por um homem que nunca perdeu as esperanças, que nunca se cansou da emoção de ver impressas numa capa as palavras: Arie Baruch Nowak. Com uma caneta na mão, inclinado sobre várias folhas de papel, encontra-se mais um escritor de sonhos.

Nívea Estefany de O. Rios

NU DE COR. NU DE RELIGIÃO. NU DE PRECONCEITO.

Nu de preconceito

Dispo-me de vestes
E entrego-me a vida
Nu de cor
Nu de religião
Nu de preconceito.
Às vezes me visto
Na pele de Mandela
Mãe Menininha, Preto Velho.

Às vezes sou Castro Alves
Navio Negreiro
Guerreiro sem preconceito.
Mas ainda me perco
Nos guetos e becos
No leito materno
Da mãe negra, branca, índia.
Grávida do preconceito
E no ventre o eu
O eu gay, negro
Branco, mestiço
O eu prostituta, astuto, matuto, moleque.
O eu sem cor qualquer
O eu sexo, homem, mulher
O eu nu de preconceito.

Elias Márcio

ESSE PÁSSARO SENTE-SE FELIZ, E VOLTA ATÉ A CANTAROLAR, ENQUANTO AGUARDA ANSIOSAMENTE PELO SEU PRÓXIMO VOO

07 de janeiro de 2021

Tínhamos acabado de entrar em um novo ano, mas confesso que as esperanças pareciam esgotadas após 2020, sentia como se todos os sonhos tivessem sido adiados para um futuro distante e incerto. Até que então, chega o dia 7, alguns costumam dizer que esse número representa a sorte, hoje ele representou a renovação de fé em dias melhores, representou a importância do Sistema Único de Saúde e, principalmente, da Educação, representou a cura, a alegria e a vontade de poder gritar para o mundo: “Viva a balbúrdia das universidades e dos centros de pesquisa! Viva o meu Brasil, que hoje entra para a história!”

Vivi um momento histórico e, por um instante, cheguei a imaginar que não estaria aqui para presenciar o seu fim. Mas, de repente, a cura chegou, e é inevitável conter as lágrimas, chega a ser engraçado como algo tão pequeno nos mostrou o quão frágeis somos. Não somos donos de nada, apenas meros coadjuvantes querendo o papel principal nessa peça teatral que é a vida e, quando menos esperarmos, as cortinas do palco se fecharão e só poderemos esperar que tenhamos feito um bom papel.

Sinto-me como um pássaro que, ao descobrir o quão longe poderia ir, foi trancado em uma gaiola, mas que agora recebe um aviso dizendo que em breve poderá voar novamente, se preocupando apenas com o seu próximo destino. Hoje, esse pássaro sente-se feliz e volta até a cantarolar, enquanto aguarda ansiosamente pelo seu próximo voo.

Karla Maria

OLHEM ALI UM HOMEM NOS OLHANDO

Expedição

Nós estávamos numa expedição rumo às terras desconhecidas – eu e meu fiel parceiro Chiquinho. Estávamos cansados, não tínhamos dormido ainda, pois acreditávamos achar alguma ilha durante a noite, mas nada disso... Só ficamos olhando para a água, fomos dormir e o Charles ficou no comando, até que ele gritou:

– Terra à vista!

Aí então acordamos desesperados para ver como era a ilha e demos sorte, a ilha era gigante, só que não tinha animais. Então descemos do navio e fizemos um acampamento com a madeira que tinha por ali e comemos uns cocos que achamos ao cortarmos as árvores. A noite caiu e fomos dormir, até que vi algo vindo em nossa direção: era um tigre bem grande. Peguei o meu facão e matei o tigre, a carne ia dar para uns 4 dias. Amanheceu e os meus companheiros não podiam acreditar que eu havia matado aquele bravo animal. Comemos um pouco e fomos descansar, até que Charles gritou:

– Olhem ali um homem nos olhando!

E então corremos atrás do homem e descobrimos uma civilização no meio da ilha, onde tinha vários tesouros. Demos um presente a eles e esperamos a noite cair. Quando todos dormiram, pegamos todos os tesouros e corremos para fugir. Ao perceberem que nós os havíamos roubado, já estávamos bem longe, a caminho de casa.

Gu Lima

**QUEM SABE DEGUSTAÇÃO
NUNCA BEBE APENAS UM VINHO
EXPERIMENTA SEGREDOS
E ADOÇA O CAMINHO.**

Vinhe-se

O vinho é uma bebida Santa
E nasce da cepa que corta
A uns, faz perder o rumo
E a outros, não encontrar a porta.
Quem sabe degustação
Nunca bebe apenas um vinho
Experimenta segredos
E adoça o caminho.
O bom vinho
É uma necessidade diária
Possibilita encontros
E abranda as dores da alma.
Cada vidro de vinho
É poesia engarrafada
São doses de carinho
Que nutre a vida abraçada.
O vinho
É a mais sã e higiênica das bebidas
Por provocar sensações
E curar feridas.
Onde o vinho falta
Não há lugar para o amor
Não se deixam marcas
Sem experimentar seu frescor.

Veridiano Lima.

ÁÍ COMEÇO A PENSAR TER QUE DEIXAR MEU SERTÃO AI, DÓI MEU CORAÇÃO DÁ VONTADE DE CHORAR.

Lamento Sertanejo

Oh, meu Deus, o meu lamento
É por não aguentar sofrer
Tanto tempo sem chover
Aumenta o meu sofrimento
Com o seu consentimento
Tudo pode melhorar
Mas, enquanto não chegar
Essa hora, esse dia
Vivendo nessa agonia
Dá vontade de chorar.

A chuva não quer cair
A seca tá se alastrando
O rebanho se dizimando
A lavoura sem resistir
Dá vontade de fugir
Ou sumir deste lugar
Áí começo a pensar...
Ter que deixar meu sertão?
Ai, dói meu coração
Dá vontade de chorar.

A coisa aqui não tá boa
Passamos necessidade
É tanta dificuldade
Que às vezes a gente caçoa
Os meus filhos, a patroa
Vivem sempre a lamentar
Porque nós fomos pecar
Pra sofrer tanta injúria?
Vivendo nessa penúria
Dá vontade de chorar.

Outrora era só grandeza
Caça, pesca, mel, verdura,
O leite era nata pura,
Tinha comida em toda mesa
Brincaram com a natureza,
Começaram a desmatar...
E o verde, onde é que tá?
Me responda, seu rapaz!
Tempo bom não volta mais
Dá vontade de chorar.

Um dia eu li um ditado
Escrito numa parede
Sertanejo morre de sede,
Ou então morre afogado
Eu fiquei encabulado
Comecei a meditar
Por não sabermos nadar,
Nos fazem esta gozação?
Se não chove no sertão
Dá vontade de chorar.

Aqui não tem mais fartura
Ao pobre falta sustento
A seca só traz tormento,
Fome, sede, amargura,
Um trabalho ele procura,
Não tem onde trabalhar
Remédio não pode comprar
Pro seu filho ter saúde
Não tem água no açude
Dá vontade de chorar.

Esse quadro é muito triste
O sertão é sofredor
Poeira, sol e calor
É a riqueza que existe
O sertanejo persiste
Vive sempre a acreditar
Que esse quadro vai mudar
Vem a seca e lhe empanca
Ele canta "Asa Branca"

Dá vontade de chorar.

O sertanejo merece
Ter o mesmo tratamento
Do sulista. No momento,
Nada disso acontece
Precisamos fazer prece
Para Deus nos ajudar
Pois Ele é quem tem pra dar
Meu Jesus, me dê coragem
Pra enfrentar a estiagem
Sem vontade de chorar.

André Luiz dos Santos Oliveira

NÃO AGUENTAMOS MAIS ANDAR COM MEDO NAS RUAS PELO SIMPLES FATO DE SERMOS MULHERES

Somos mulheres e não aguentamos mais

Não aguentamos mais andar com medo nas ruas pelo simples fato de sermos mulheres

Não aguentamos mais ter que ir para outra calçada, assim desviando de homens

Não aguentamos mais os olhares maliciosos sobre nosso corpo

Não aguentamos mais não poder fazer coisas, nem postar mais nada sobre devido assunto por sermos mulheres

Não aguentamos mais sermos tratadas como objeto sexual

Não aguentamos mais as piadas sobre o nosso corpo natural

Não aguentamos mais nos sentirmos culpadas, sujas, por um crime que “vocês” cometem

Não aguentamos mais pensar que agora em qualquer lugar do mundo tem alguma mulher sendo espancada, abusada

Não aguentamos mais notícias de crianças grávidas, de seus parentes mais próximos

Não aguentamos mais saber que existem incontáveis mulheres com sequelas de relacionamento abusivo

Não aguentamos mais a falta de sororidade

Não aguentamos mais a falta de respeito em locais públicos

Não aguentamos mais a injustiça quando finalmente temos coragem de denunciar

Não aguentamos mais sermos espancadas em nossas próprias casas, onde deveríamos nos sentir seguras e não presas

Não aguentamos mais o machismo

Não aguentamos mais sermos silenciadas

Não aguentamos mais ser mulher

Acredito que, se os homens fossem mulheres por um dia, eles poderiam até nos dar o que é nosso por direito, o mínimo, respeito.

Maria Rita Almeida

MEU EU PARECE MAIOR... NEM CABE NO ESPAÇO QUE TEM

Tempos cheios

Os sonhos já são outros sonhos
Banhando o mesmo coração
Antigos desejos persistem
São brotos saltando do chão

Os olhos ganharam distância
Caminham com mais atenção
E pairam em pontos marcantes
Colhendo em admiração

Meu eu me parece maior
Nem cabe no espaço que tem
Preciso ter mão pra conter
Saber ser seguro, porém.

Um colo, um carinho no cabelo
Um abraço, um beijo na mão
Café numa mesa pra dois
E a saudade depois
Faz saber que é paixão

Vão andando esses dias
Dias que nem se vê
Tempos cheios de dias
Anos pra se viver

Poucos passos sem pressa
Coisas a não dizer
Arranhões a gastar-se
Dissolvendo os deslizes
Se fazendo esquecer

Clécio Santana

“NENHUMA PALAVRA EXPLICA O QUE NÃO QUER SER ENTENDIDO.”

Palavrório...

Poderia ser “Palavreando”, mas já usei esse título antes. E também penso que o que escrevo agora é mais para palavrório mesmo...

Eu sempre gostei das palavras, escritas, lidas, ditas, ou não... Bem como sempre penso em suas utilizações...

Sim, utilizações... Como muitas coisas, elas são usadas e muitas vezes com leviandade...

Outras vezes, por uma ignorância convencida de conhecimento, atinge muito o receptor, algumas vezes muito, outras pouco e outras nada, o emissor...

O significado delas tem um poder enorme, mas existe a interpretação que de certo modo altera muitas vezes o sentido proposto do entendido...

Gosto do dito: “Nenhuma palavra explica o que não quer ser entendido”. É porque a palavra “conveniência” existe e tem um sentido que faz par com o livre-arbítrio e assim as pessoas escolhem pensar e entenderem o que querem e o que é bom para elas entenderem...

E fica aquele jogo, tipo: “Sou responsável pelo que digo, não pelo que os outros entendem”...

Volto a falar da ignorância convencida de conhecimento... Já vi pessoas dizerem algo com tanta certeza e ciência do significado das palavras, chegando a ser veemente! E depois tudo parecer mentira... Mas é que essas tais pessoas estavam enganadas consigo mesmas e se autoconvenceram de que estavam certas... Isso também é chamado de aprendizado, para que os que se permitem aprender admitindo antes não saber...

Outra coisa que me chama atenção é o usar de palavras alheias, as citações, que, com certeza, representam sentimentos de quem escreveu e que é muito difícil saber... E aí se usa com o sentimento próprio, uma vez que as palavras se encaixam na conveniência de quem as usa.... Às vezes, as citações expressam constatações...

E isso tudo é inteligência... Pois esta última é a habilidade de escolher algo... Ressalto aqui que “habilidade” é algo que pode ser classificado por níveis e tipos distintos...

Será que se as palavras tivessem um único significado a ser expresso seriam usadas sempre corretamente, assim evitando tantos maus entendimentos?

Não sei se em outros idiomas é assim... Lembro-me do dia que Marta (irmã) comentou a frase que eu falava sobre “amor” – passivo e “amar” – ativo, ela disse que no inglês usa-se a mesma grafia para as duas palavras, sendo *love*, e depende do contexto... Mas, no nosso “brasiguês”, é como sabemos ser...

Penso também que algumas pessoas parecem não se incomodar muito com as palavras, esquecem as que lhes foram dirigidas, as que dirigiram, como o passar dos dias... Como se para elas o significado das palavras não fosse tão intenso ou real, como se

vissem as palavras a “meio termo” por assim dizer...

Eu admito que procuro usá-las com seu real significado... Sou de olhar o dicionário quando encontro uma desconhecida ou duvidosa e que até parece estar escrita ou usada com um sentido que me chama atenção no contexto... Sou humana, e sei que já feri muito com palavras ditas impulsivamente e diga-se bem usadas para o objetivo... E me arrependi muito... Não gosto de ferir as pessoas... Não acredito que alguém mereça ser ferido... Algumas vezes digo até que precisam ser, para que aprendam algo. Aqui cito mais um dito: “não pelo amor e sim pela dor...” Coisas humanas... As escolhas, o autoconvencimento do “saber”... Mas, voltando ao meu uso das palavras, quando as usei de forma racional e consciente, penso tê-las usado correta e verdadeiramente na maioria das vezes e não me arrependo... Quando errei, procurei corrigir ao tomar conhecimento, e, sem esse último, devem estar erradas até hoje, mas passíveis de correção!

Mas gosto de palavras! Tanto que me arrisco a juntá-las num palavrório como esse... E com sentimentos...

Quais sentimentos? Muitos... Mas todos meus...

Alguns entenderão, outros imaginarão... Livres, inteligentes e convenientes, escolherão como...

E essa escolha pode também ter sido nem terminar de ler... Obrigada!

Eu, do meu jeito, como penso, uso as palavras... Nem que seja num palavrório...

Anita Garibalde Carneiro

QUEM SABE DE MIM SOU EU. SOU EU QUEM LANÇO EM PRAÇA. A MINHA VIDA PARA OS OUTROS

Quem sabe de mim sou eu

Se gosto do samba

Ou da valsa...

Se ando sozinho

Ou em massa...

Se sou sincero ou fiel

Ou se me visto de máscaras

Se vivo sempre em brigas

Ou se ando cheio de cachaça

Quem sabe de mim sou eu

Sou eu quem lanço em praça

A minha vida para os outros

A minha sorte ou desgraça

Julgar pelas aparências

Não é tão fácil assim

Talvez não seja verdade

O que os outros pensam de mim

Meu mundo interior

É reservado a mim

Não conhecendo dele, os outros

O que é bom e ruim

Elizabeth Fausta Carneiro

EU ME ACALMEI, EU ME REFIZ NO MEU SILÊNCIO EU ME CUIDEI.

Eu mereço ser feliz

Andei pensando esses dias,

– Eu mereço ser feliz.

Eu estive sozinha e me preenchi de mim mesma.

Eu chorei quando tudo estava um caos e enxuguei minhas lágrimas.

Eu me acalmei, eu me refiz no meu silêncio.

Eu me cuidei.

Eu!

É tão prazeroso dizer que eu consegui, simplesmente porque decidi levantar a cabeça e seguir.

Lógico que olharei pra trás, pois lembrarei que, na minha caminhada, eu contei com minhas atitudes e não com promessas ouvidas.

Descobri que a minha inteligência emocional reergueu minhas forças, principalmente as interiores.

– Estou aliada com a felicidade em diversos pilares!

Raina Taíse

SUAS MÃOS

MEU CORPO A TOCAR

FAZENDO-ME DELIRAR

Dese-
jar

Beijos quentes
Lábios ardentes
Sua língua
Minha pele quente
A tocar
Tirando-me o ar
Fazendo-me suspirar
O desejo a aflorar
Minha pele arrepiar
Suas mãos
Meu corpo a tocar
Fazendo-me delirar
Sua voz a sussurrar
Fazendo-me tontear
Seu corpo
Contra o meu a pressionar
É incontrolável
O desejo de me entregar
Em seus braços
Me abandonar
Me cobre inteira
Me prende em sua teia
Meus anseios sacia
Me devora por inteira
Abandono-me em seus braços
Fui pega por seu laço
Despida
Saciada
Por ti completamente devorada.

Sarah Palloma

ATRAVÉS DA POESIA ENCONTREI A FELICIDADE EM MEUS DIAS

Lembranças de infância

Deus, se pudesse voltar no tempo,
Onde eu corria livre nos campos virgens da natureza,
Onde a sua beleza era pura e encantadora,
Onde brincava com os cabos de vassouras
Dizendo “sou uma bruxinha e estou solta”...
Corria entre os animais, fazia mil coisas com as minhas traquinagens.
Onde o cheiro das flores e plantas era tão natural,
Como o anoitecer.
Quando cansava,
Descansava embaixo do arvoredado,
Brincava de casinha e mantinha os meus segredos.
Ah! Tempo que não mais volta...
E ao lembrar do meu sorriso de felicidade,
Onde ainda não era cidade,
Um povoado tão distante da civilização,
Onde todos tinham alma e coração,
Brincava com os meus irmãos,
E ao machucar os meus pés e as minhas mãos,
Chorava... Mas estava contente...
Porque sabia que diante daquela gente tudo era natural.
Hoje volto... Choro consciente,
Porque tudo foi transformado,
Os rios e os lagos...
Os arvoredos não existem mais.
Tudo acabou. Não ouço os pássaros cantarem,
Não vejo os peixes nos rios,
Não encontro os espinhos em meus pés.
E as brincadeiras naquele lugar não mais existem,
Só apenas um enorme vazio.
Hoje só choro pela lembrança da minha infância,
Que não irei mais encontrar.

Maria de Assis Pinheiro

A VIDA ERA UMA CIRANDA QUE COM O MUNDO GIRAVA

Ainda não passou

A criança que fui
Ainda está aqui
Guardo com sentimentos
O que ela fez surgir

Corria, pulava
Brincava, cantava
A vida era uma ciranda
Que com o mundo girava

A boneca falava
A pipa voava
Árvores escalava
Momentos colecionava

Tudo que lá fui
Hoje, ainda sou
Na velhice serei
A infância ainda não passou.

Rosanete Aragão

QUERIDA MENINA, QUERIDA MULHER, AME-SE! PARECE TÃO BOBO, MAS É DE SUMA IMPORTÂNCIA ESSE AMOR PRÓPRIO, VOCÊ PRECISARÁ DELE POR MUITO TEMPO OU POR UMA VIDA INTEIRA...

Carta para a próxima geração de meninas mulheres

Olá, pequenas estrelas! Sou Maria Rita, tenho apenas 17 aninhos e um conselho para vocês, mulheres do futuro. Não sei como é o agora desse tempo, mas, no meu agora, nós, mulheres, estamos levantando uma bandeira importantíssima sobre a aceitação do nosso corpo do jeitinho que ele é; levantamos agora, para que futuramente vocês não precisem lutar tanto por algo tão natural, para que possam focar em outras bandeiras que precisarão ser levantadas. A nossa luta é longa e árdua, mas juntas chegaremos à vitória e gritaremos que todo o esforço valeu a pena! Por isso, ame o seu corpo, ele é a sua verdadeira casa. Cuide muito bem dele e sinta a sua força. O seu corpo é sagrado!

Querida menina, querida mulher, ame-se! Parece tão bobo, mas é de suma importância esse amor próprio, você precisará dele por muito tempo ou por uma vida inteira. Não se esqueça, você faz parte da natureza, ou melhor, você é a própria natureza.

Oi! É um brilho no seu olho? Você está sentindo ou está começando a perceber que é inteiramente dona desse mundo, do seu mundo!? Você é esse brilho, essa pequena faísca...

Maria Rita Almeida

– QUER QUE EU CANTE QUE MÚSICA? – PERGUNTOU DOCEMENTE ACARICIANDO MEU CABELO.

Tarde da noite

O toque estridente do celular se fez presente mais uma vez, me fazendo resmungar alto. Já era a segunda vez que esse bendito toque interrompia meu sono, e então decidi atender à chamada, pronta para xingar seja lá quem fosse que estava me perturbando.

– Quem é? – Meu tom de voz saiu mais ríspido do que eu planejava.

– Oi, May...

– Yangyang... – Respirei fundo, tentando controlar meu surto – Por qual motivo, razão ou circunstância, você está me ligando às TRÊS E VINTE DA MANHÃ?! – Foi possível ouvir o risinho nervoso do garoto.

– É que eu acabei de assistir Relíquias da Morte...

– Ah meu Deus, Yang... – Suspirei pesado, me jogando na cama.

– Por que que o Dobby tem que morrer? Poxa... – sua voz saiu chorosa – Foi muito injusto sabe? – Soltei uma risada ao ouvir o garoto.

– Yangyang, você me ligou a essa hora pra lamentar a morte de um elfo?

– Respeita meu luto, Maya!

– Não tem como. Você interrompeu meu sono! – Resmunguei, ouvindo Yangyang rir.

– Eu posso ir aí?

– Mas agora?

– É... Eu posso cantar pra você dormir... – Meu sorriso foi de orelha a orelha.

– A porta vai estar aberta – dito isso, desliguei o telefone.

Desci as escadas para destrancar a porta e logo voltei para meu quarto, onde observei meu reflexo e ajeitei meus fios de cabelo.

Assim que me enfiei debaixo do edredom novamente, ouvi o barulho da porta sendo aberta e os passos apressados do garoto, subindo em direção ao meu quarto.

– Maya? – Sussurrou assim que entrou no local. Abri apenas um olho e dei sinal para que ele deitasse ao meu lado. Com um sorriso estampado no rosto, Yangyang veio até a cama, deitou-se ao meu lado. Me virei para ficar com a cabeça deitada no peito do rapaz e pude ver seu rosto de relance. Ele usava seus óculos de grau e seu cabelo loiro estava sendo segurado para trás por uma tiara rosa. Fofa.

– Quer que eu cante que música? – Perguntou docemente acariciando meu cabelo.

– Qualquer uma, Yang. Apenas me faça dormir, ok? – Ele riu fraco e logo começou a cantar:

– “Eu poderia acordar sem teu olhar de sono/Sem teu lábio que é dono/Mas eu não quero”...

Eu conhecia bem a música, mas na voz dele ficava ainda mais perfeita.

E antes que eu pudesse cair em sono profundo, pude ouvir a última frase cantada por Yang. Frase que disparou meu coração, pela maneira que foi pronunciada, seguida de um beijo delicado em minha testa: “Porque eu te amo”

Maria Eduarda Rios Cunha

QUERO MEU MUNDO DE VOLTA, SEM MÁSCARA...

SORRISOS MASCARADOS !!!

Sem sorrisos e com excesso de egoísmo, gente oportunista.

O desamor a corrupção, são inimigos irônicos, e cheios de perversidade.

Desentendimento, intolerância, hostilidade.

Atrito, desacordado, inimizade.

Ganância, falsidade, ironia, falta de amizade.

Triste mundo que anda todo mundo conturbado, com sorrisos mascarados...

Queria de volta o poder do meu sorriso sem máscaras, para facilmente deixar confundido um desatento e desprotegido coração. Um sorriso que faz feliz o tolo, engana o astuto e distrai, no breve instante, seu portador.

Quero meu mundo de volta, sem máscara, que apazigue meu peito, que eu consiga ver com clareza, o sorriso de cada um, sem (MÁSCARAS)

Dene Cruz

**E AGORA SUAVE
ME SINTO
TÃO LIMPO
AQUI DENTRO**

Aurora

Seu efeito
Me causa
Na alma
Tão calma
Um furacão
De tensão
E emoção
Ao ver-te
Com outro
Que desgosto
Me vem!

E tento
Tão lento
Me opor
Ao meu pensamento
Sangrento
E forte
Sem sorte
Pra morte,
Também!

Se fosse
Só isso
Me piso
Tão liso
Tão quente
Carente
Descrente
Do que acredito
Que me vês
Com desdém!

Já estou
Acostumado
A ser
Maltratado
Queimado
Jogado
No mato
Sem amor
Nem rancor
Da explicação
Por razão
Do porquê
Que me vê
Uma besta
Ilesa
De amor;
Mas você
Demonstrava
Que me amava
Mas era falha,
O que
Me convém!

Mas agora
De outrora
Já sei
Que pensei
Muito errado
E foi meu pecado
A ser perdoado
Para viver
Sem cometer
Mais esse erro
Tão grave
E agora suave
Me sinto
Tão limpo
Aqui dentro
Do que penso
Que sou agora,
Aurora,
Do bem!

Hennely Loíse Cordeiro Soares Rios

ALGUMAS PESSOAS MORAM EM NÓS REVERBERANDO EM ÁTOMO, VIBRAÇÃO E SOM...

OS ENCANTADOS

Ao eterno voo de Tony magno

Algumas pessoas
Não morrem
Ficam encantadas...
Vivem nos olhos dos seus,
Nas palavras lançadas ao vento,
No toque das suas canções,
Nos sonhos guardados nas gavetas...
Nas gavetas deixadas para outros abrirem
Os encantados
Ainda que ausentes,
Nos acompanham
Pois moram em nós
Reverberando em átomo,
Vibração e som...
Eles, por serem encantados,
Encantam...
Encantam, qual canto da sereia
Nos convidando a viver...
Espalhando, na retina,
A beleza do
E – xis – tir!

Joceane Araujo

ESCREVERAM ATÉ DECLARAÇÕES DE AMOR E TELEFONES NO MEU CORPO

Só.uma.nota.

Culpada por aquilo que eu não havia feito, sem o direito de me explicar. Desprezada, sem nem sequer levarem em consideração as minhas boas ações.

Já fui muito desejada, vista como necessidade.

Mas também já fui suja em mãos limpas.

Escreveram até declarações de amor e telefones no meu corpo, mas nunca me deixaram desabafar com as pessoas por trás daqueles números. Só me usaram.

Logo eu, que já rodei por bares e fui pivô da loucura; por hospitais e fui esperança; por cortiços e fui vista como meio caminho andado para o prazer. Logo eu, que tive também meus momentos de angústia; uma vez que passei por funerárias e através das lágrimas que caíram em meu corpo, deduzi que eu também trouxe dor. Era o fim de alguém, mas... Qual seria o meu fim?

Agora não sou nada?

Me guardaram, emprestaram, amassaram, rasgaram, colaram e me perderam.

Para agora estar aqui sozinha, me perguntando se realmente fiz alguém feliz e curiosa para saber qual será o meu próximo destino.

Perdida, com muito ou pouco valor a depender de quem me encontrar.

Sentindo o vento bater e desejando que ele me leve para mais longe, mas que seja para as mãos de alguém que reconheça que eu não valho somente 50 reais.

Raylene Santos

A LEVEZA DE CAMINHAR SABENDO QUE NÃO ESTÁ SOZINHO

Um retrato do AMOR...

A leveza de caminhar sabendo que não está sozinho, que tem alguém a lhe acompanhar...

A paz de quem sabe onde chegar, sem pressa, na alegria da paisagem a lhe rodear...

A imensidão do caminho, tão claro que te obriga a um eterno seguir, para um dia finalmente chegar.

E no fim, o céu, para te lembrares que és de Deus.

De tudo que fiz pelos meus filhos, a coisa mais importante é a certeza que eles têm, do quanto são amados... De tudo que fiz por mim, a coisa mais importante é a certeza, do quanto amo aqueles que foram gerados em mim... Somos o projeto perfeito que Deus traçou, e por sermos limitados... Ele não nos deixou sozinhos...

Eu só peço a graça de estar perto para vê-los crescer, a força e fé para ajudá-los a se curar e a alegria de estarmos juntos para celebrar e abraçar.

Filho, não viva esta vida sem se importar, aquele que passa insensível ao outro ou a sua dor, foi aspecto de gente, não foi gente, só passou pela vida, não se realizou.

Eu te desejo o melhor do amor, o sentimento nobre que te fará vencedor... Mas ame-se, dedique-se também a você, pois quem não se conhece, não sabe seu verdadeiro valor, e você é LUZ NO MUNDO, REFLEXO DO CRIADOR.

Leda Rios

TUDO EM NOME DA APARÊNCIA

“Solidão da mulher negra”

Em um contexto histórico, a mulher negra foi subordinada à condição de escrava, inferiorizada e considerada “fora do padrão”, visto que o padrão de beleza, assim como tudo, é baseado no pensamento eurocêntrico, a “branquinha do cabelo liso e olhos claros”, colocando-as como o arquétipo a ser seguido e almejado para ser considerada bonita na sociedade, além, é claro, de pesar pouco.

Essas seriam as mães de família aptas para o casamento e a certa para satisfazer seu esposo. Porém o mais deplorável disso é que esses senhores procuravam suas escravas para se satisfazerem, através de relações não consentidas, estupros, onde o corpo curvilíneo e partes avantajadas era o desejo de consumo, mas apenas para seus egoísmos e satisfações pessoais, mantendo a aparência de pai de família e homens respeitáveis perante à sociedade, casados com as filhas de grandes senhores, enquanto “da porta para dentro” objetificavam suas escravas e concediam um mal casamento às suas esposas, tudo em nome da aparência.

Então, as mulheres negras acabavam sendo coisificadas e postas como alvo apenas do desejo carnal, não sendo “boas o suficiente” para um matrimônio. É daí que surge o ideal solitário da mulher negra. Vivia-se de aparência, ou melhor, ainda se vive, só mudaram os termos, mas o significado e ações perpetuam até hoje. Muitas mulheres negras são desejadas, cobiçadas, mas muito pouco respeitadas, e para isso, as estatísticas e as vozes das mesmas estão aí para comprovar. O mais triste, é que durante essa concepção histórica, pode-se constatar que as mulheres negras tinham seus corpos analisados para saber se seriam boas para procriar ou satisfazerem seus donos (novamente, por relações de estupro, vale bem frisar). E dentro desse quadro, esperava-se que houvesse um respeito ou uma solidariedade feminina dessas senhoras para com as mulheres negras que sofriam desses abusos físicos e psicológicos, dentro de casa e sem ter voz ou direitos para recorrer.

Mas, muito longe disso, nem o feminismo se estende ao cooperativismo de todas as causas, afinal, existem mulheres que só olham para a sua vertente. Agravando a situação, surgiram as Mammys. Sim, as mulheres negras que aparecem nas embalagens de biscoitos, farinha, etc. Imagens de mulheres negras, gordas, bravas. O estereótipo fora criado por próprias mulheres brancas para mulheres negras, o que chega a ser doloroso de tão triste. Essas mulheres brancas, por despeito das relações de estupro e da cobiça e necessidade (que não era recíproca) dos homens brancos para com as mulheres negras, começaram a difundir esse ideal de que estas mulheres eram gordas (o que na prática era quase impossível pelas condições precárias de alimentação em que eram submetidas), assexualizadas (as mulheres negras eram vistas como mulheres que não sentiam atração sexual nenhuma, justamente na intenção de afastar os olhares desses homens, criados por suas esposas brancas) e sempre raivosas, indomáveis.

Foi essa construção errônea que colocou a mulher negra nessa situação de inferioridade que é capaz de taxá-la dessa forma, o que é notório também no descaso direcionado a muitas delas quando tentam ecoar suas vozes para protestar sobre essas condições em que foram submetidas, infelizmente.

Iolanda Oliveira

HISTÓRIAS DE UM RIO

O rio, aquele espaço vazio de tudo e de todos, era a sua paz, seu encontro, sua calmaria. Sofia precisava daquela vasta presença, ao menos uma vez por semana. Os dois viviam sozinhos! Por isso, tanto se precisavam e rogavam pela presença um do outro. O termo sozinho, aqui, não vem acompanhado de ausência de outros, era principalmente um vazio existencial, uma incompletude de si. Ficava a poucos metros da sua casa. Ela, sempre que necessitava, pegava a sua bicicleta e partia. O percurso já era um convite à liberdade; o seu amado, o fôlego necessário para viver.

_ Foi rápido desta vez, cheguei a tempo de sentir a força do sol chegando.

_ Sofia, que bom vê-la! Hoje te contarei uma história forte, repleta de emoções, erros, omissões e trágico final.

_ Eu sabia que precisava encontrá-lo! Conte-me tudo! Não esconda nada!

_ No ano de 1893, formou-se, às margens do Rio Vaza Barris, o arraial de Belo Monte. Ficava, lá para dentro do Sertão, bem no interior da Bahia. Antonio Conselheiro e seus seguidores se rebelaram contra os impostos e formaram sua “Tróia de Taipa”.

_ Como assim se rebelaram? O que eles fizeram?

_ Queimaram, em praça pública, as tábuas com as taxas impostas pela República.

_ Nossa! Que coragem! E o que fizeram com eles por causa disso?

_ Tentaram prender Antonio Conselheiro, o líder, mas ele fugiu. Ele foi considerado um fora da lei por ter protestado. Fugindo, sertão adentro, reuniu, no arraial, aproximadamente, 30 mil pessoas.

_ Sério! Como ele conseguiu?

_ Esta procissão do divino Conselheiro principiara, com o seu nascimento, no dia 13 de março de 1830. Antonio Vicente Mendes Maciel é filho do Sertão do Ceará, lá da Vila do Campo Maior. Seus pais: o comerciante Vicente Mendes Maciel e Maria Joaquina de Jesus. Desde sua juventude, sentia, olhava com a força da libertação as injustiças.

_ Então quer dizer que, na sua juventude, ele já organizava protestos e fundava cidades?

_ Não! Não é bem assim, Sofia. Antonio Conselheiro era educador e missionário laico; hostil às influências impositivas da Igreja Católica e do Clero sobre a vida intelectual e moral. Pregou pelo sertão, peregrinou, sem pouso, por 20 anos. Ajudado pelos sertanejos fortes, o Bom Conselheiro construía e restaurava igrejas, levantava muros de cemitério, fundava povoados. Antes da seca de 1877, uma das piores da história, começou a abrir tanques, reservatórios de água. Ele era um verdadeiro vanguardista. Pregava e lutava pela igualdade.

_ Um homem bom, determinado, solidário e corajoso. Não entendi ainda por que ele foi tão temido!

_ Antonio Conselheiro ia de encontro àqueles que afirmavam que gente e terra não tinham liberdade, tinham dono. Para ele a liberdade do povo e da terra era essencial. A condição dos camponeses da região de Canudos ainda era escravocrata. Alugavam suas forças de trabalho aos coronéis. Ao adoecer, morriam. Estudar não lhe era possível. A

República Proclamada, só chegou lá através de regras, tributos e mandos.

_ O arraial de Belo Monte, fica no interior da Bahia. Descreva um pouco essa região.

_ Situado numa cadeia de montanhas, uma espécie de Himalaia brasileiro; a pedra nasce do chão, em fatias cortantes. A vegetação é a caatinga repleta de ouricurizeiros, ipueiras, cacimbas. As colinas são nuas, mandacarus vestidos de espinhos, juazeiros, catingueiras, umbuzeiros. A terra vive em martírio com os verões queimados. Os cactos, coroás, favelas, canudos de pito, juazeiros, cabeças de frade, paisagem-sertão testemunham a força do caminhar de quem nasce e vive nesse chão feroz, mas amável. Fixo ao solo, o homem sertanejo é forte, altivo, feito a um molde único, sagrado. Supersticioso, descobridor da farmácia natural da caatinga, rico em coragem e virtudes. “O Sertanejo é sim antes de tudo um forte”; aspecto dominador, potente; desdobra-se em força e agilidade extraordinárias. As vestes são armaduras de couro, alpercatas que sufocam os espinhos. O sertanejo segue sua vida, conduzida pelas notas, melancólicas, do aboio que traduzem a dor e o prazer do ser-sertão. Nesta luta de insurreição da terra contra o homem, surge o heroísmo do sertão. O seu primeiro amparo é a fé; as bandeiras do divino apontam os olhos para o céu e os pés para a estrada. O nordestino edifica sua força espiritual no maravilhoso, no encantamento, na religião mestiça, cabocla.

_ Nossa! Que povo lindo! Muito distante daquelas imagens que o preconceito reproduz.

_ Com a Proclamação da República, em 1889, o governo brasileiro apontava seus planos e expectativas para o progresso, à ascensão do país. Só que eles não distribuíam este desenvolvimento social e econômico pelo país todo. A mudança está no direito! Direito à saúde, educação, segurança, emprego, renda, qualidade de vida. Aqueles nordestinos já estavam, há sete, oito anos da Proclamação da República e continuavam abandonados, carentes de tudo.

_ Por causa do abandono, Conselheiro formou o arraial de Belo Monte?

_ Na verdade ele queria dar a Belo Monte uma cara de nação. Lá seria a Terra Prometida. Eles trabalhavam para a subsistência. Eles cansaram de esperar por alguém que matasse a sede e a fome dos seus e se juntaram para isso acontecer. É, mas o governo, a justiça e a Igreja não viam desta forma. Acreditaram que a população de Belo Monte, ou como é mais conhecida, de Canudos, estava atrapalhando a República, por isso precisavam ser calados, impedidos, exterminados. A degola daquele povo era a garantia de que a ideia de Conselheiro seria sufocada.

_ Eles mandaram matar os nordestinos?

_ Sim! Na 1ª expedição o governo mandou cerca de 100 homens, os Conselheristas se defenderam a foice, pau, facão, espingarda de caçar e venceram! Organizaram a 2ª expedição: 543 praças, 14 oficiais, três médicos. Os Conselheristas também venceram. O Brasil ficou espantado com a força desse povo. Mas eles venciam, principalmente, com o auxílio do solo, do clima, da vegetação. Eles uniram força e montaram a 3ª expedição: 1300 combatentes, 15 milhões de cartuchos, 60 peças de artilharia. Só que, no labirinto de Canudos, o comandante Moreira César foi morto. A tropa, sem comando, se retirou caoticamente. A derrota das tropas abalou o país. O Brasil inteiro se juntou para destruir Canudos. A 4ª expedição contou com 5000 homens. No 1º embate, 300 jagunços detiveram

2300 homens. Armadilhas, emboscadas, mataram 1200 soldados, antes de atingirem o Arraial. Portanto, uma reposição de soldados era necessária. Vieram mais de 4000 homens. As lutas se prolongaram por vários meses. Só que desta vez a tropa estava bem assistida: água, comida, munição. Eles cercaram Canudos. Os resistentes do Arraial estavam minguando de sede e de fome.

_ Quanto horror! Toda guerra é insensata!

_ “Canudos caiu no dia 05 de outubro de 1897, ao entardecer”. “Canudos não se rendeu”. Ela ainda resiste. Tentaram afogar a história. O sertão virou mar. Sob as águas miragens do Cocorobó jorra o sangue dos inocentes brasis. O sangue de uma minoria cuidadora de um solo que brota pedra em camadas cortantes. Apenas quatro resistiram até o final: “Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam, raivosamente, cinco mil soldados”.

_ E o que aconteceu com Antonio Conselheiro? Todo o povo brasileiro ficou contra Canudos?

_ Ele morreu durante os combates, não se sabe ao certo se foi atingido, se morreu de morte natural ou tristeza profunda por ver seu povo sendo abatido como bicho. Conselheiro, evidentemente, não podia resolver o problema daquelas pessoas; mas o genial dele foi converter tudo o que era defeito em virtude. Muitos ficaram favoráveis. Mas não tinham força para impedir as ações do governo Republicano. Rui Barbosa, Machado de Assis, por exemplo, não concordavam com as atrocidades da República.

_ Pelo que me contou a Guerra foi um jogo entre defensores do lar e máquinas comandadas para matar. Coturnos contra alpercatas de couro. Eu declaro a República culpada! É necessário reparar os males causados ao sertão e aos camponeses de Canudos. Aquele sonho de Brasil agora teima em mim, é latente, é força, é vida, é necessidade.

_ Sofia fechou o livro, já era hora de voltar para casa, precisava chegar às 17:00h. Aquele rio, aquele lugar sagrado, na companhia dos livros, a faz voar por mundos do presente, do passado e do futuro. Ler é o seu remédio, o antídoto contra os seus vazios.

Joceane Araujo

E ASSIM COMO AS ESTAÇÕES NOS TORNAMOS O TEMPO TODO VOLÚVEIS...

ESTAÇÕES

Somos humanos
Regados de virtudes
Regados de defeitos...
E assim como as estações
Nos tornamos
O tempo todo
Volúveis...
Ora florescemos como a primavera
Às vezes, queimados, até nos tornamos agressivos
Como o sol do verão...
Despercebidos, caímos como as folhas do outono,
Caímos em choro,
Caímos em desespero,
Descrença,
E até desrespeito.
E não deixamos florescer os frutos que a estação permite...
E, quando a dor chega, nos sentimos em pleno inverno
Sem o cobertor...
O cobertor que aquece o corpo e a alma, que nos faz bem...
E por muitas vezes não damos seu valor.

Crispiniana Rios

USE AS PALAVRAS PARA VOAR

DEIXE VOAR AS PALAVRAS

Use as palavras para sorrir
Use as palavras para cantar
Use as palavras para sentir
Use as palavras para falar

Use as palavras para viver
Use as palavras para ensinar
Use as palavras para aprender
Use as palavras para voar

Use as palavras na dança
Use as palavras no andar
Use as palavras no amanhecer
Use as palavras ao se deitar

Use sempre as palavras
Use-as para fazer outras PALAVRAS
Voe nas asas das palavras
Mas deixe as palavras voarem

Adna dos Santos Silva

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A todos que estão presentes Prestem muita atenção!
Pois irei apresentar Com muita satisfação Do passado ao presente
Dos mais antigos aos mais recentes Meios de comunicação

O primeiro foi o fogo Com sua forte luz
Que com sua temperatura Muita coisa se produz
Mas antes de sua evolução Serviu de comunicação
No nascimento de Jesus

Depois veio a escrita De forma rudimentar escrevia-se em pedras Para se comunicar
Bem mais tarde outro meio Usava-se o pombo correio Para os recados levar

Com a evolução da escrita A tradicional carta chegou E enviava-se pelos correios
Ou até mesmo por portador E em algumas situações Encantava os corações
Com belas cartas de amor

Em 1960 o telefone
Chegou com grande novidade Pois a centenas de quilômetros As pessoas se
falam à vontade Mesmo estando ausente
Com uma conversa desce Dá pra matar a saudade

Em 1863 foi o rádio Que entrou em ação
E foi uma grande conquista Pra o meio de comunicação Criado na Inglaterra
Espalharam-se por toda terra A comunicação e a diversão

Mais dois meios de comunicação O jornal e a revista
Ambos são importantes Com a informação escrita Os dois são muito usados E
aqui foram apresentados Pois fazem parte da lista

Já em 1923
Um russo criou a televisão E foi um grande avanço Nos meios de comunicação
Pois além do som tinha a vantagem De apresentar a imagem
Na sua programação

Em 1947 foi o fax
A novidade do momento Enviando-se escrita
Mais rápido que o vento Pois inteligentemente Faz-se eletronicamente
Transferência de documentos

Temos o computador
Meio de comunicação ideal Criado na década de 60
É realmente fundamental Usado no dia a dia
Pra o avanço da tecnologia A nível mundial

Logo veio a internet
Uma grande inovação
Que juntamente ao computador
É excelente na comunicação
Pra se enviar mensagem
E até mesmo imagem
Pra pessoas de qualquer região

Falando também dos correios
Com serviço de qualidade
Levando correspondência
Pra toda comunidade
Independente da distância
Leva com segurança
Pra toda localidade

A caixa de correio
Um meio de comunicação
É um repositório público
À nossa disposição
Satisfazendo nossas exigências
Colhendo correspondências
De toda população

Nos Estados Unidos, em 73
Foi criado o celular
Um aparelho telefônico
Prático pra se comunicar
Não precisa ter riqueza
E não importa a pobreza
Pra esse aparelho usar

Lá também em 2007
Foi criado o *iphone*
Avançando a comunicação
Mais uma criação do homem
Que com mais uma invenção
Criou esse com muita função
Além de ser telefone

Em 2010 foi a vez do tablet
Dispositivo de última geração
Não precisa de teclado
Para sua utilização
É um aparelho descecente E com ele muita gente Busca informação

Ainda tem o *notebook*

Que não lembrei de citar

É um computador portátil

Que se usa em qualquer lugar Um aparelho com garantia Basta recarregar a bateria

Pra poder utilizar

Esqueci também do telégrafo Um sistema de comunicação Pra perto e pra longa distância Servindo a população

Hoje por não haver necessidade Quase que ficou na saudade

A sua utilização

Quero agradecer a todos Que por esse evento lutou Espalhando conhecimento Pra filho pai e avô

E aqui sem nenhum mistério Meu agradecimento sincero

A cada professor

Valorizar a cultura É gostoso demais

Unidos com um só objetivo Muita coisa se faz

Por isso de todo coração Vai a minha gratidão

Pela força de vontade dos pais.

Miguel Sacramento

SOBRE AS ORGANIZADORAS

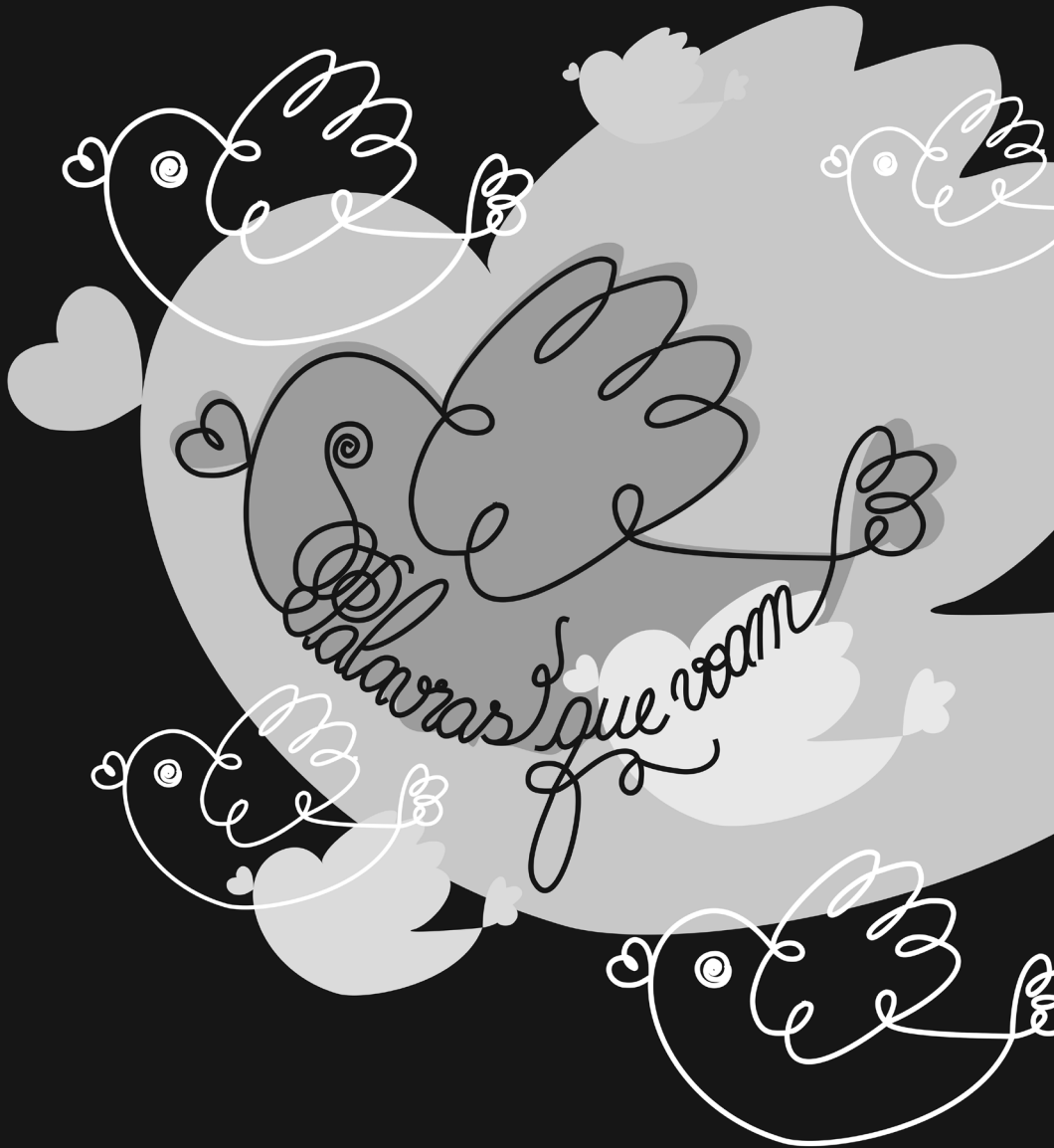
ADNA DOS SANTOS: Amante da escrita, organizadora do projeto Palavras que voam e da página no Instagram: @poesia_epensamentos


MARINA DE JESUS: é escritora e graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Apaixonada por arte, principalmente por Música e Literatura, faz dela a sua válvula de escape, seu melhor passa-tempo, sua auxiliar na luta contra os problemas da vida.

MARINA FALCONERI: é licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana, já ministrou aulas de Língua Portuguesa e, desde 2015, trabalha como revisora de textos.

JOCEANE ARAUJO: Escritora, Professora, pesquisadora, documentarista, graduada em Letras pela (UNEB) Universidade Estadual da Bahia; Especialista em Literatura Baiana também pela UNEB; Mestra em Literatura e Diversidade Cultural pela (UEFS) Universidade Estadual de Feira de Santana. Autora dos livros: *Entrega* (2016) e *Segredos* (2018)

RITA SUZANA SANTOS: Filha de professores, sempre viveu em sua Pedra Bonita, uma comunidade rural do município de Pé de Serra- BA. Foi lá que aprendeu a ler e a escrever. Tornou-se professora aos 16 anos e hoje é Mestre em Letras pelo Profletras (UEFS). É também organizadora do livro *A minha história eu mesmo faço*, que reúne narrativas de si e dos alunos/autores de uma turma do 9º ano, da escola em que atua. Este trabalho foi resultado do seu projeto de intervenção do mestrado.



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br